Sociedade de Geographia de Lisboa

Antonio de Andrade

S. J. viajante no Himalaia e no Tibete
(1624 -- 1630)

POR

C. Wessels

Traduzido do Hollandez

POR

A. R. GONÇALVES VIANA



Typ. CESAR PILOTO
11, L. de S. Roque, 12
Lisboa

Sociedade de Geographia de Lisboa

C. WESSELS

(Separata dos «Estudos», Revista de Sciência das Religiões e de Literatura, ano XLIV, parte 77).

António de Andrade, S. J., viajante no Himalaia e no Tibete (1624-1630).

(Traduzido do original holandês por A. R. Gonçalves Viana, S. n.º 498, S. G. L.).

No prefácio da sua excelente obra acêrca da serrania do Himalaia estabelecem os srs. S. G. Burrard e H. H. Hayden que o estudo desta pujante cordilheira data dos primeiros anos do décimo nono século. (1)

Foi então, em 1807, que se efectuou a famosa expedição para o descobrimento das nascentes do Ganges, dirigida pelos oficiais ingleses Webb e Rapèr.

Apreciando devidamente o mérito dêstes homens audazes e o dos seus inúmeros sucessores, é todavia inevitável o considerar-se verdadeira lacuna a falta de menção dos custosos trabalhos dos que os predecederam, que, se foram meros precursores e não investigadores competentes, nem por isso lhes deve ser negado o indiscutível quinhão que lhes pertence na história dos descobrimentos. Assim, é omitido o nome do jesuíta português António de Andrade, que, partindo do Indostão, transpôs aquela muralha descomunal, descobrindo uma das mais importantes nascentes do Ganges e penetrando no então misterioso Tibete.

Em várias obras especiais se dá uma ou outra notícia escassa dessa peregrinação; mas é digno de reparo que tais notícias as mais das vezes sejam inexactas. Bastará um exem-

(1) S. G. Burrard, *A Sketch of the Geography and Geology of the Himalaya Mountains and Tibet*, (Calcutá, 1907-1908).

plo para o provar. Clements Markham no seu livro a respeito de Bogle e de Manning, conta como foi que Andrade partiu para as serranias do Himalaia, e continua dêste modo: «Transpôs as temerosas portelas na direcção das nascentes do Ganges e alcançou casualmente (eventually), depois de grandes fadigas, as margens do lago sagrado de Manassaráuar, onde nasce o Satlage. De lá o destemido missionário abriu caminho, por fáceis passadiços, para Radoque, e a seguir pela terra dos Tangutes, para a China.» (1) Por muito lisonjeiras que sejam estas palavras de aprêço acêrca de Andrade, estão elas muito longe de verdadeiras, porque o jesuíta nunca avistou o lago Manassaráuar, nem jamais esteve na China. Veremos ao depois qual foi a causa do engano de Markham.

Grave é igualmente que ainda em anos recentes, com fundamento parcial no que fica transcrito, haja sido repetida e ampliada aquela afirmativa, em detrimento do bom nome do viajante português; de maneira que Tomás Holdich dêle forma êste juízo: «A história da sua viagem, tal como agora a possuímos, é em muitas particularidades insuficiente. As cartas que escreveu em 1626 ao seu superior, o Geral dos jesuítas Múcio Vitelleschi, apenas dão notícias escassas e confusas de uma peregrinação, que terminou evidentemente em Saparão, ao pé do rio Satlage. E' difícil harmonizar a narrativa que fêz das visitas àquela banda do lago Manassaráuar na ida para Radoque, e de lá para o Cataio, e do seu regresso, quer com a descrição das planuras do Tibete, quer com o tempo que para tal peregrinação era necessário. «In spite of his hitherto prominent position as a pioneer in the field of Asiatic geography, *Antonio de Andrade must be regarded as but a doubtful authority*. (2)

Êste juízo decisório sómente se pode explicar pela demasiada confiança depositada no que outros teem escrito, e sem a consulta directa à própria narrativa do jesuíta.

Muito diferente é a sentença proferida por Carlos Ritter, quando em 1853 chamou a atenção para a obra do diligente missionário.

«Die Seltenheid des Berichtes, die Merkwürdigkeit des ganzen Unternehmens und die Nichtbeachtüng dieser vor zwei

---

(1) Clem. R. Markham, *Narratives of the Mission of George Bogle to Tibet and of the Journey of Tomas Manning to Lhasa* (Londres 1876) Introdução, LVI.

(2) Apesar da sua até agora eminente situação como precursor no campo da geografia da Ásia, *António de Andrade não póde deixar de ser considerado como duvidosa autoridade*. (Nota do tradutor).

Tomás Holdich, *Tibet the Mysterious* (Londres) 70.

O itálico é meu (do autor). O ano de 1626 é êrro, a carta foi escrita em 1624.

Jahrhundert schon eröffneten geographischen Quelle in einem Hochgebirge, desen Passagen ganz kürzlich erst wissenschaftlich wieder entdeckt werden mussten, geben der naïven und treuherzigen Erzählung einen besondern Werth.» ([1])

Nestas circunstâncias torna-se decididamente necessária a averiguação, e portanto o intuito desta publicação é não sómente dar uma idea da peregrinação de Andrade avivando assim a memória do viajante, mas igualmente assinalar a valia e a veracidade da sua empresa.

Para tal efeito é indispensável fazer uma comparação completa da sua peregrinação com as dos que lhe sucederam no mesmo empreendimento.

Sôbre a narrativa da viagem diremos ainda algumas palavras. Foi publicada pela primeira vez em Lisboa, com o título seguinte: «Novo Descobrimento do Gram Cathayo ou Reinos do Tibet, pello Padre Antonio de Andrade, da Companhia de Jesus, Portuguez, no anno de 1624.»

E' a impressão das cartas manuscritas de Andrade, por mim utilizadas, na posse da Companhia de Jesus, nas quais, datando-as de Agra, 8 de novembro de 1624, êle dá conta da sua empresa ao visitador Padre André Balmetro. Com quanto alvorôço foram recebidas as notícias dessas regiões ignotas transparece claramente das diferentes versões que em poucos anos delas se fizeram nas principais nações da Europa, ([2]) e

([1]) A estranheza da notícia, o merecimento de toda a empresa e a desatenção com que tem sido considerada esta informação geográfica, patenteada ha dois séculos, de uma serrania cujo percurso só recentemente foi outra vez renovado scientíficamente, dão particular valia a esta narrativa singela e verídica. (Nota do tradutor).

Carlos Ritter, Die Erdkunde von Asien (Berlim, 1833) II, 440.

Desde esta menção feita por Carlos Ritter não há, que eu saiba, nenhuma outra da peregrinação de Andrade. A de M. Huc, no livro *Le Christianisme en Chine, en Tartarie et au Tibet* (Paris 1857), não pode ser considerada como tal. Encontram-se, é verdade, notícias dispersas e resumidas, tais como as seguintes: de Markham e Holdich, e de outros, na *China*, do barão de Richthofen (Berlim, 1877), I, p. 671; de Manuel Pinheiro Chagas, na *História de Portugal* (Lisboa, 1900) IV, p. 16), e um tanto mais desenvolvida, mas superficial, de Adriano Launay, *Histoire de la Mission du Tibet* (Paris, 1903) 23-3.

A última, e das mais insignificantes, pode ver-se em Graham Sandberg, *The Exploration of Tibet. Its History and Particulars, from 1686 to 1904.* (Calcutá-Londres, 1904) p. 23-27.

Quási tudo o que ali se afirma deve sujeitar-se a correcção ou a ampliação, porque o autor repetiu a bem dizer todos os erros dos seus antecessores. Os principais serão indicados na seqùência dêste opúsculo.

([2]) Bibliografia minuciosa pode ver-se na *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* (Bruxelas 1890), por C. Sommervogel, S. J., fol. 329.

Cita-se aí a versão de Jácome Dijk, S. J., intitulada *Ontdecking van den Groten Cathai, uyt de Jaarlijksche Breven van P. Antonius de Andrade, S. J.* (Descobrimento do Grã Catai, tirado das cartas ânuas do Padre António de Andrade, S. J.), sem ano, mas de certo antes de 1635. Não obstante as diligências que empreguei, não encontrei na Holanda essa preciosa obra. ¿ Saberá alguêm da existência de algum exemplar?

é por isso tanto mais de estranhar que durante quási dois séculos nenhum fruto se houvesse tirado dêsse descobrimento.

Poucas notícias biográficas nos ficaram a respeito de António de Andrade. Nascera em Oleiros, vila portuguesa da Beira-Baixa — é isto que nos dizem os que melhor a êle se referem (¹) — e entrou a 15 de Dezembro de 1596 para a Companhia de Jesus. Passados quatro anos foi mandado para as Índias, pois no momento em que começou a sua empresa de descobrimentos estava missionando no reino do Grã-Mogol.

Das instruções para a sua viagem faz êle menção abreviada. São as mesmas pelas quais se guiou Bento de Góis na sua celebrada peregrinação, de que já desenvolvidamente se tratou. (²) «Mais de vinte anos antes, escreve Andrade, tinha chegado ao conhecimedto dos missionários que devia haver cristãos no Tibete», (³) o que apenas se fundava na concordância aparente e externa de algumas cerimónias budistas com as da Igreja Católica. O desejo de se convencer pessoalmente da verdade de tais boatos era muito natural, e oferecia-se inopinadamente ensejo favorável para isso. A 30 de março de 1624 tinha Andrade com o Irmão Manuel Marques, deixado Agra, para acompanhar o Imperador a uma peregrinação a Caxemira. Chegado a Déli, notou que muitíssimos hindus estavam para ir em romaria a um templo afamado, que ficava a um mês de jornada, com relação a Agra.

Êste ensejo, que se lhe oferecia, de aproveitar a guarda e guia dos romeiros na primeira parte da sua peregrinação não o deixou êle perder. Como ainda havia outro missionário com o Imperador, poderia êle ser dispensado por algumas semanas. Em breve se fizeram as provisões necessárias à missão, e alguns preparativos, e na manhã convencionada juntou-se, com o seu companheiro e alguns fâmulos, à caravana. Com trajos índios, para que nem os cristãos de Déli o reconhecessem, arrostaram ali com as primeiras dificuldades.

(¹) António Franco, S. J. *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu na Côrte de Lisboa* (Coimbra 1717) ?75. Nesta obra reedito.-se quási literalmente a viagem de Andrade de ps. 376 a 418. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana* (Lisboa, 1741) I, 102, *in voce* Andrade. G. M. Pereira de Amaral, *Memorias da Villa de Oleiros e do seu Concelho* (Angra do Heroísmo, 1881), 161. O ano do nascimento, 1581. admitido por M. E. Ferreira, cujas meritórias investigações muito agradeço, não o aceito, porque a relação nominal da Companhia, de 1624, nos dá o ano de 1581.

A indicação de Sommervogel (I, 329), de que Oleiros é no Alentejo, é inexacta.

(²) *Studien* (1911), 75, f. 83 e ss.

(³) Andrade, *Novo Descobrimento*, p. 2.

Primeiro que tudo devo dizer, porque expressamente o não indiquei, que cito a edição portuguesa de 1626, que condiz com o manuscrito, João Hay, S. J. *De Rebus Japonicis, Indicis, et Peruanis Epistolae Recentiores* (Antuérpia, 1605) 706 e ss.

Pelo caminho mais curto, provávelmente atravessando o vale do Ganges em Harduar, «o pôrto de Víxnu», ao norte, o mais elevado sítio de romarias, alcançou a caravana em quinze dias a fronteira do Indostão, onde, no sopé da serra, começava o domínio do raja de Sirinágar, na actual província de Cumão. Aguardavam aí, todavia, a empresa ameaças de malôgro. Os peregrinos em breve notaram que o pequeno grupo que se lhes havia associado se não compunha de devotos, e ainda menos de comerciantes, que quisessem visitar aquelas terras. Assim, foram detidos como espiões pela suspicaz população. Apesar disso, por falta de provas, soltaram-nos felizmente a tempo, de maneira que puderam continuar a jornada com os seus companheiros.

Tinham agora pela frente a pujante serrania do Himalaia, a alterosa morada das neves, e, transposto aquele limiar, passava-se do esplendor tropical da Índia para as gélidas soledades da planura tibetana. Nenhum ocidental havia até então calcado essa agigantada muralha, que se dilata desde os barrocais do Indo até os do Bramaputra.

A ascensão dos contrafortes, continua a narrativa da peregrinação, foi muitíssimo dificultosa: montes após montes, e as veredas eram tam estreitas, que êles mal podiam caminhar pé ante pé, amparando-se nos rochedos. Lá no fundo fervia e esbravejava o sagrado Ganges, que precipitosamente prosseguia o seu curso no apertado leito que o constrangia.

Para uns aos outros incutirem ânimo, invocavam os hindus em côro o seu santo pagode, proferindo de contínuo o mesmo estribilho monótono: *Ié*, *Badrinate, ié*, *ié*. ([1]) Em cada sítio adequado, por todo o caminho, erguia-se uma ou outra capelinha, primor de arquitectura, onde alguns jogues, êsses conhecidos e fanáticos mártires voluntários hindus, adoravam a divindade ali venerada. ([2])

Extraordináriamente formosa era a natureza circundante. Todos os declives seguiam ocultos por selvas seculares de agigantados pinheiros, «que eram mais altos duas ou três ve-

---

([1]) Andrade; f. 4.

([2]) A propóstio narra Andrade um facto, do qual se conclui a pequena importância que os príncipes mogores davam á veneração em que os hindus tinham aqueles mártires voluntários De uma vez em que o rei andava à caça em Agmir (Caxemira), perto de um lago consagrado, viu um jogue de aspecto esquálido. O cabelo da cabeça, despenteado, tinha mais de quatro côvados de comprimento, e as unhas mais de um palmo. Uma grande turba de curiosos circundava o «santo» e se lhe prostrava aos pés. O jogue não se incomodou com a vinda do rei. Êste, ao regerssar da caçada, mandou-o vir á sua presença, mas recebeu como resposta que se não arredava dali a não ser no coche do próprio rei. Nisto o Grã-Mogol ordenou desdenhosamente que o arrastassem pelos cabelos, que. por castigo lhe mandnu cortar, assim como as unhas, determinando que assim o levassem pelos caminhos em roda.

zes do que as tôrres das igrejas de Goa», com uma infinidade de caneleiras, de ciprestes, de limoeiros, de castanheiros, mas sem fruto, e uma grande abundância de flores, e em tôrno despenhavam-se arroios.

A concordância do nome da capital de Garual com a de Caxemira deve de ter dado origem a que muitos escritores se refiram a ter Andrade passado por Caxemira. ([1])

Do próprio diário da jornada, de onde consta expressamente que Andrade *não* acompanhou o Grã-Mogol a Caxemira, é manifesto que o que se descreve é o Alacnanda, o grande afluente do Ganges.

Sirinágar fica na margem esquerda do rio, e mal existia quando Andrade lá esteve, visto que foi fundada no comêço do XVII século. Em 1894 uma cheia arrasou a cidade velha ([2]). O leito profundíssimo do Alacnanda foi muito minuciosamente descrito por J. Muir, e essa descrição confirma, literalmente a narrativa portuguesa. ([3]) «O rio verde-mar corre muito fundo e acompanha o caminho, emtanto que os montes ervosos, que em alguns sítios não teem arvoredo, e em outros são guarnecidos de pinheiros, descem em ribanceira para o rio. O fundo do vale é estreito, e num ponto a corrente está tam apertada em ambos os lados pela penedia que mais parece um canal aberto na serra, sôbre o qual as margens fragosas se erguessem a prumo. Em outros pontos vê a gente por cima de si as hirtas paredes enormes, cobertas de arvoredo, emtanto que mais acima o caminho forma uns socalcos em direitura aos montes, tendo de um lado uma parede de rocha e do outro uma depressão íngreme, fissiforme, de uns doze pés de profundidade».

Andrade nota muito concisamente a diferença entre a população serrana e os hindus da planície. A recepção em Sirinágar não foi muito afável, e outra vez o sujeitaram a rigoroso interrogatório: — Donde vinha, e que intentos eram os dêle. — Como por falta de veniaga difícilmente podia inculcar-se por comerciante, declarou terminantemente que ia ao Tibete para ali obter umas informações. Quer esta declaração fosse

---

([1]) Entre êles Huc, *Le Christianisme em Chine*, II, 279; Max Müllener, *Geschichte der Katholischen Missionen in Ostindien* (Friburg em Bresgau, 1852); Dr. G. Wegener, *Tibet und die Engliscshe Expeditionen* (Halle a. S. 1904), onde há algumas palavras referentes a Andrade, em que o autor parece atribuir-lhe mais de uma viagem; Graham Sandberg *The Exploration* etc., 25.

([2]) The Imperial Gazetteer of India (Oxónia, 1908),

([3]) S. J. Muir, *Notes of a Trip to Kedarnath and other Parts of the Snowy Range of the Himalaya in the Autumn of 1852* (Edimburgo, 1855) 21. De toda a excursão ao longo do Alacnanda encontra-se tambêm em Moorcroft, a completa confirmação do que Andrade descreve: William Moorcroft, *A Journey to Lake Manassarovara in Un-des, a Province of Little Tibet.* Asiatic Researches; or Transactions of the Society instituted in Bengal, etc. (1818, 382, 384, ss. 415.

considerada suficiente, quer o príncipe já tivesse o intuito de impossibilitar o estrangeiro de prosseguir na viagem até os extremos limites dos seus domínios, como ao depois se provou, o facto é que o soltaram após cinco dias de detenção.

Agora, mais quinze dias de caminhadas por vereda sempre ascendente, e a caravana alcançou as «primeiras cristas cobertas de neve, onde fazia muito frio.» Estava-se quási no coração da muralha montuosa, cujos inacessíveis torreões, em tôrno, um após outro iam com as nuvens confundir os seus píncaros. O caminho encurvava-se para cima na direcção de Joximate, pouso estabelecido no Alacnanda superior, onde êste rio nasce da confluência do Víxnu-Ganges ocidental e do Dáuli, que corre mais a levante. A aldeia fica já a 2300 metros acima do nivel do mar.

Ao longo do Víxnu-Ganga tumultuoso, verdadeiro lugar de penitência, foram os romeiros sempre trepando. «Já não era por incómodas pontes de calabres, mas agora por passadiços de neve endurecida, que cobriam toda a largura do rio, e por baixo dos quais êle refervia escumando, que se abriu caminho, atravessando muitas vezes o Ganges (Vixnu-Ganga), para afinal, após mês e meio de jornada, podermos alcançar o pagode de Bradid (Badrinate) na fronteira de Sirinágar» ([1]).

Passava-se isto provávelmente nos fins de maio ou comêço de junho de 1624.

Mais de cento e oitenta anos haviam de decorrer antes que outro europeu visitasse êsse lugar consagrado. Já mencionámos a afamada expedição de Webb e Raper, que seguiu exactamente o caminho de Andrade. Fazendo uma comparação desta narrativa escrita pelo Capitão Raper, com a do glorioso português, que êle nem sequer nomeia, é como se lêssemos a que êste ultimo nos deixou.

Na descrição do inglês fala-se igualmente na viçosissima flora, na arriscada passagem por veredas ínvias e perigosíssimas, nas pontes de calabres e de neve, particularidades que em regra se repetem em todas as narrações dos que viajaram por estas paragens. Em alguns sítios, diz-nos Raper, era o caminho formado por paredes de rocha, que tinham aqui e além um ponto saliente, de cinco ou seis polegadas apenas, justamente quanto bastava para o pé se firmar, de modo que eram necessários o maior cuidado e cautela para se prosseguir na jornada. Um tanto mais longe continuava o caminho por uma rampa de penedia, da largura da palma-da-mão, isto ás vezes a 1000 ou 1300 metros acima do rio! ([2])

([1]) Andrade, fol. 8.

([2]) F. V Raper, *Narrative of a Survey te the purpose of discovering the Sources of the Ganges*, Asiatic Researches (Londres 1812) XI, 509, 514, 515 ss. Confronte-se também Dr. Kurt Boech *Indische Gletscherfahrten* (Estutgarda, 1900, 351-301) que visitou Badrinate em 1890.

Desenvolvidamente se refere Andrade ao templo do ídolo, ao qual, conforme diz, acodem numerosos peregrinos, mesmo de Ceilão e Bisnaga (Vijaianágara, em Baroda ?) O templo ergue se no sopé de um penhasco, do qual brotam muitos mananciais, e entre êles um de água tam quente, que mal pode qualquer conservar lá metida a mão por um momento. A fonte destorce-se em três regueiros, cada um dos quais desagua em sua conca, onde os peregrinos para purificação da alma se banham na água quente, destemperada com fria.

Para explicação da origem dessa fonte de água quente contavam os brâmanes a seguinte lenda. — O fogo estava arrependido de todo o mal que tinha praticado na terra, abrasando casas, selvas e campos, e foi por contrição penitenciar-se a êste templo, Recebeu em resposta que se deixasse ficar, se queria receber absolvição. E' por isto que ficou desde então o fogo aos pés do deus e aquece a água da fonte. Ainda assim uma quinta parte do lume não se sujeitou, e é essa a que ainda percorre a terra em tôrno e ocasiona todo o mal.

Tesouros imensos teem sido ofertados aqui, na seqüência dos séculos. Todavia, o tempo da peregrinação é limitado, porque, à excepção de três meses, está o templo coberto, e tudo sepultado pela neve, que ali cai em tamanha quantidade que até as aldeias nas circunvizinhanças ficam inabitáveis, de modo que a população se traslada durante uma temporada para sítios dali apartados três ou quatro dias de jornada! ([1])

Ainda hoje em dia é Badrinate, depois de Joximate, Quedarnate e Pandexquexuar, todos no território de Garual, um dos mais consagrados e visitados templos da Índia.

Fica a 3170 metros acima do nivel do mar, na vertente da serra de Badrinate, cujas cristas se elevam a 5080 metros, despenhando-se de lá as geleiras no Vixnuganga. Desde novembro até maio a população reside em Joximate. ([2]) Raper, que também visitou o santuário, conta que êste, conforme o que dizem os Hindus, foi obra de um ente sobrenatural. «No emtanto, nem a arquitectura, nem o aspecto exterior correspondem à idea que qualquer fará de lugar de tamanha devoção, para custeio do qual concorressem consideráveis quantias de dinheiro anualmente, sem contar os rendimentos das terras que ao templo pertencem ([3]).

O sítio dos banhos é uma grande lapa, denominada Tapta-Cund. A água quente provêm de uma fonte que corre por

---

([1]) Andrade, 8, 9 e 10.

([2]) *Imperial Gazetteer*, VI, 179.

([3]) Foi-lhe mesmo referido que o santuário possuia 700 aldeias em Garnal e Cumão. Conforme o *Imperial Gazetteer*, VI, 180, os rendimentos montam a 7000 rupias anuais.

baixo da terra e se despeja na lapa por um olheiro, que representa uma cabeça de dragão ou de grifo.

Foi também levado para a mesma lapa um manancial de água fria, de maneira que o banho pode ser tomado à temperatura que se quiser.

Da água quente alevanta-se um denso rôlo de fumo, que cheira fortemente a enxôfre. Serve mesmo para aquecer casas e choupanas»...

«O número de peregrinos que naquele ano (1808) havia visitado Badrinate subiu a 45000 ou 50000, vindos das partes mais remotas da Índia. Toda essa gente se reuniu em Harduar» (1).

De modo idêntico se expressam Adolfo e Roberto Schlagintweit, que em agosto de 1855 visitaram o famoso santuário: — «Nota-se que os mais dos peregrinos concorrem ali de doze em doze anos, quando o planeta Júpiter entra no signo do Aquário, e em Harduar se celebra o Daloca Mela, o mercado anual do Aquário. Avalia-se em quarenta a cinqùenta mil o número de hindus que nesse ano concorreram a Badrinate, dos quais a maioria partira em Abril de Harduar. Que o templo sómente no estio é habitado, indicam-no igualmente estes escritores, como o fez Raper. (2)

Notou do mesmo modo Andrade certa diferença na população. Conquanto ela ainda pertencesse ao reino de Sirinágar, diz a narrativa, os habitantes diferençavam-se dos outros que residiam no vale. Alimentavam-se principalmente de arroz, plantas e carne de carneiro, pelo que eram mais robustos que os hindus. Como caso digno de reparo, cita a especialidade de êles comerem muita neve. — «Vi uma vez uma criança de dois a três anos com um pedaço de neve nas mãozitas. Temendo eu que lhe pudesse fazer mal, quis dar-lhe umas passas em troca da neve, mas ela, tam depressa as provou, começou a gritar que lhe restituisse a neve.» (3)

---

(1) Raper. *Narrative of a Survey*, 527, 531, 540. Knot Boeck não inclui o santuário; dá de preferência uma fotografica do edificio.

(2) Hermann vou Schlagintweit-Sakünlünski, *Reisen in Indiën und Kochasiën*, (Jena, 1872) II, 35?. Da visita de Andrade a Badrinate não se faz menção, e as únicas palavras que se lhe consagram são parcialmente inexactas: — «António de Andrade, escreve Hermann (t. III, II), o primeiro que foi ao Himalaia, chegou a Déli, saindo da provincia de U, do Tibete Oriental, mas não a Lassa.» No Tibete Oriental nunca esteve Andrade; e terminada sua viagem foi Saparão. Schlagintweit acrescenta: — «A Lassa quem primeiro chegou há uns cem anos foi o *frade capuchinho* Desideri.» - Sôbre êste viajante *jesuíta*, que viveu muitos anos em Lassa, esperamos falar em breve. Algumas páginas mais adiante (55) faz Hermann mais um remoque a respeito da ascensão de Andrade ao Mana, e nisto cifra toda a menção que faz dos trabalhos dêste precursor.

(3) Andrade, 9, 16.

As mulheres cultivam a terra, e os homens tecem. ([1]) E' provável que seja esta a primeira menção que se haja feito dos Botiás, o povo fronteiriço da Índia, a respeito do qual todos os exploradores em Garual e Cumão teem confirmado estas particularidades. ([2])

O nome dêles, conforme R. Straczey, derivou-se de Bod, que em tibetano é o Tibete, alterado em *Bhot* pelas populações indianas. ([3])

Raper descreve-os como sendo de estatura mais que mediana, fortes e, bem conformados, concordando nas feições com os tártaros. Como todos os mais dos habitantes das regiões frias, bebem muito, na persuasão de que lhes dá saúde. As mulheres arroteiam a terra, emtanto que os homens, tam depressa a neve se derrete, transpõem as portelas do Tibete para irem comerciar. ([4])

Dêste modo as narrativas das viagens dos primeiros ingleses confirmam o que o missionário português 180 anos nos havia transmitido. Do facto já apontado, que nunca foi mencionado o nome de Andrade, temos nós de concluir que não tiveram dêle noticia, pois nenhum escritor daquela nação costuma encobrir os actos e merecimentos alheios.

E' todavia de sentir êsse desconhecimento, mesmo quando Horácio Wilson, na sua edição das viagens de Moorcroft, pretende que das narrativas — e uma cita êle pelo nome, a de Andrade — poucas informações importantes se apuram, pois elas estão cheias de queixas desdenhosas dos viajantes, motivadas pelos maus caminhos, intempéries e inospitalidade dos povos. ([5]) Se Webb e Raper houvessem atentado bem para o antigo diário, teriam evidentemente reconhecido que Andrade, quando chegou a Badrinate, já transpusera as altas cristas nevosas das serras, e portanto as principais ramificações do Himalaia, e se encontrava do *lado setentrional* da serrania. Com maior atenção deviam os «Surveyors» ingleses ter delineado o circuito, e já Raper no seu relatório, e Webb na sua carta corográfica não teriam situado Alacnanda no sopé *meridional* do Himalaia ([6]), êrro em que caíu Celebrooke

---

([1]) *Natives of Northern India* (1907, 12, 49.

([2]) Herbert Birley, *The People of India* (Calcutá, 1908) 41.

([3]) R. Strachey, *On the Physical Geography of the Provinces of Kumaon and Garhwal in the Himalaya Monutains and of the Adjoiming Parts of Tibet*, Journal of the Royal Geographi Society (1851) XXI, 84.

([4]) Raper, *Narrative of a Survey*, 525: ct. Knnot Boeck, que nos dá estampas representativas de tipos dêstes interessantes povos.

([5]) Wiliams Moorcroft and George Trebeck, *Travels in the Himalayan Provinces of Hindustan and the Pernujab, in Ladakland Kashmir; in Peshawar, Kabul, Kundriz and Bokhara, from* 1819-1825, prepared aud edited by H. H. Wilson, (Londres 1841) Pref. XXXV.

([6]) Raper, *Narrative of a Survey*, (482, 516, 523. A carta corográfica de Webb está antes do artigo mencionado.

no seu artigo sôbre as nascentes do Ganges. (1) Dos antigos diários tambêm alguma cousa há que aprender.

Após a sua visita a Badrinate passara Andrade um tanto mais para norte, para o pouso de Mana, já fora da região a que Raper e Webb chegaram. (2)

E' do mesmo modo uma aldeia de verão, e não «a large town», como diz a narrativa inglesa, e fica situada na margem do Sarassuati, no curso superior do Vixnuganga, a 3178 metros acima do nivel do mar. No verão residem lá os comerciantes de Botiá, principalmente por ser o último pouso antes de se chegar ao passadiço de Mana, mais acima, tambêm denominado Chirbitiá-lá, ou Dungri-lá. Conquanto esta passagem pela serra esteja a 5604 metros de altitude, a 800 metros mais, portanto, que o píncaro do Monte-Branco, é todavia acessível, sem maiores dificuldades. (3) A respeito própriamente da aldeia nada nos conta o nosso viajante; a sua ulterior peregrinação dava-lhe sérios cuidados. — «Imediatamente depois dêste sítio, escreve êle, encastelam-se montes altíssimos, aos quais se prende um famoso deserto, por onde se não pode transitar senão dois meses no ano. Vinte dias são precisos para essa ascensão. Quando faltam já árvores e plantas, não se encontra lugar habitável, e a neve é perpétua. Por não haver lenha para cozinhar usam os viandantes farinha de cevada torrada como alimento, diluindo-a em água, que bebem sem outra comida mais.

Daqui provêm que muitos dos habitadores morrem, pelo quê os vapores que de lá saem são tam nocivos, que as pessoas sãs sentem náuseas e perecem no arraial. Eu, por mim, mais fácilmente acredito que isto aconteça por causa do frio excessivo e da falta de carne para comer, pelo quê o calor vital se perde». (4)

Não é de supor que se trate aqui, como presume Ritter, (5) dos fenómenos naturais junto aos mananciais de ácido carbónico, por causa de tremores de terra e erupções vulcânicas; antes devemos conjecturar, em tal altitude, que êsses efeitos fossem devidos ao denominado mal-das-montanhas. Basta con-

---

(1) Cobbroke, *on the Sources of the Ganges in the Himádri or Emodus.* Asiatic Researches, (Londres, 1812) XI, 443, 444.

(2) Vê-se bem que Raper nada conhecia da viagem de Andrade, porque antes de voltar a Mana nos diz. «Beyond this point travellers have not dared to venture». (p. 524).

(3) *Imperial Gazetteer*, XVII, 108. Adolfo Schlagintweit, que o alcançou a 6 de Setembro de 1858, denomina-o Passo de *Chirbitta Dhura*, e dá-lhe de altitude 5614 metros (III, 86). Sven von Hedin, na sua grande carta do Tibete marca-lhe 5450 metros. *Trans-Himalaya*, I (Leipzig, 1909).

(4) Andrade, t. a. f. 11.

(5) Ritter, II, 44.

siderar em que Hedin se sentiu exausto nas altas portelas do Trans-Himalaia, a mais de 5000 metros de altitude (1)

No emtanto, o caso é tambêm explicável pelo que tambêm aconteceu a Frazer na sua ida para Gangotri, em que se possuíu de temor em presença das emanações das serpentes venenosas, que atordoam o viajante. (2)

Havia já dias que Andrade estava aguardando baldadamente qualquer caravana, ou outra oportunidade, para prosseguir na sua viagem para o Tibete, e já temia que o raja de Sirinágar o quisesse impedir de continuar a peregrinação; tam pouco então, como com outros posteriores viajantes, se estava ali propenso a consentir que os temidos viajantes devassassem a terra santa de Dalai-Lama. O português resolveu todavia resistir aos que o contrariavam, e depois de haver adquirido informação completa, empreendeu a viagem, se bem que, conforme nos comunica expressamente, a temporada não fosse adequada. Deixou ficar para trás os companheiros de jornada, e prosseguiu, levando comsigo sómente dois moços cristãos e um homem de Mana como guia.

Dois dias caminharam êles tanto quanto puderam, mas ao terceiro, logo de manhã, foram alcançados por três serranos, que o governador tinha mandado em seu seguimento.

Estes dirigiram-se primeiro ao guia, cuja mulher e filhos, como disseram, já tinham sido metidos na cadeia, e inevitávelmente seriam mortos se êle não retrocedesse imediatamente.

Tambêm Andrade foi ameaçado. Declararam-lhe que fôra desobediente, que a bagagem estava confiscada, e alêm disto que nada poderia lucrar em prosseguir, mesmo que lho permitissem, porque o tempo próprio já passara. O guia retrocedeu sem demora; mas Andrade recusou-se, o que foi imprevidência, por não estar suficientemente preparando, e resolveu continuar a jornada com os dois companheiros.

Na realidade o caminho era o mais ruim que ser podia. A neve tinha pés de altura, de maneira que ficavam atolados até ó peito, e mesmo até os ombros. Em alguns sítios só lhes era possível safar-se valendo-se de pontes de neve, transpondo-as como se fossem nadando.

Tam depressa chegaram ao seu arraial nocturno acometeu-os um nevão tam espesso e pesado, que nem se podiam ver uns aos outros, mesmo conchegados como estavam.

Toda a noute a passaram em meio da neve, abrigados

---

(1) Sven. Hedin, II, *passim*.

(2) J. B. Fraser, *Journal of a Tour through Part of the Snowy Range of the Himala Moountains and the Sources of the Rivers Jumna and Ganges.* (Londres, 1820) A 434.

com um cobertor, e sempre arriscados a ficarem sepultados pelo pêso que tinham em cima de si. O frio excessivo fazia-lhes as mãos e os pés dormentes e insensibilizava-lhes o resto do corpo, de modo que Andrade, batendo com um dedo num objecto qualquer, ficou sem uma parte dêle. «Como não sentisse dor, acrescenta êle, não daria por isso, a não ser um frouxo de sangue que me advertiu. Os pés estavam tam congelados e inflamados, que, quando ao depois lhe chegámos um ferro em brasa, não o sentimos.

Por fim acometeu-nos uma aversão enorme a qualquer alimento, e uma sêde violenta, que a custo podíamos mitigar comendo neve. Havia, sim, água, mas corria muito funda, por baixo da neve.

Assim fomos caminhando até o alto de todas as serras, onde o rio Ganga nasce de um grande tanque, e do mesmo tambêm outro rio, que rega as terras do Tibete.» (1)

Com esta explicação de Andrade resolvemos uma grande dúvida na sua narrativa. Já no comêço notámos como Markham afirmara que Andrade havia alcançado o lago Manassaráuar, e que tomara indevidamente êste como sendo as origens do Ganges. (2) A *Cyclopædia of India*, aliás obra de muita valia, comete o êrro, um tanto maior, de escrever que Andrade tomou êsse lago como sendo o manancial do Ganges e do Indo. (3)

Este êrro é regularmente repetido por todos os que depois de Markham teem escrito. (4) Estribam-se como prova na edição portuguesa (Lisboa, 1626) do diário, onde, diga-se a verdade, não há nem uma palavra a respeito do lago sagrado, como já se viu pelo que fica referido: porque é muitíssimo improvável que o jesuíta português, o qual menciona o nome do santuário, que pouco interessava à sua empresa, deixasse de se referir ao descobrimento de um lago tam afamado como é o sacrossanto Tso Mavã dos tibetanos. A própria narração testemunha contra as suposições de Markham.

Em primeiro lugar, Andrade não fala de *lago*, emprega a palavra *tanque*, que é bem aplicada a uma pequena conca, de onde brota o Sarassuati, transpondo a portela de Mana. (5) Conseguintemente, evidencia se do fragmento por nós citado que êste tanque estava situado no cimo da serra, e não após a planura, como acontece com o lago Manassaráuar.

---

(1) Andrade, f. 14.
(2) Markham, Intr. LVI
(3) E. Balfour, *Cyclopædia of India* (Oxónia, 1885) I, 104.
(4) Naturalmente tambêm em Graham Sandberg, *The Exploration*, etc., 25.
(5) Franco, na sua reimpressão da peregrinação de Andrade, usa a palavra equívoca *lago*. *Imagem da Virtude*, etc. f. 386.

Alêm disto a afirmação de Markham está em contradição com o tempo que durou a viagem e com o seguimento dela, constante da narrativa, como mais adiante se verá, e esta divergência é tamanha, que Holdich, que duvida da fidelidade da narração de Andrade, ao dar-nos uma relação meritória da literatura tibetana ao depois no seu livro, onde transcreve o que diz Markham, põe em dúvida, por isso mesmo a credibilidade da narrativa de Andrade ([1]).

¿ Que é que se pode depreender desta deturpação das palavras de Andrade ?

E' conhecido quantos séculos as origens do Ganges estiveram envoltas em mistério.

Conforme a tradição fabulosa dos Hindus, o rio sagrado deve, ao sair da serrania do Himalaia, haver já percorrido longo curso e ter origem no lago Manassaráuar ou num que tem por nome Bindussarovara ([2]) com o qual se designará o vale de Racas, que está em ligação com o Manassaráuar. Esta representação é a que se encontra em todos os mapas antigos, com referência ao de d'Anville, de 1733.

Baseava-se êsse mapa na confirmação, por parte de dois lamas, que o haviam revisto, confirmação obtida por intermédio do conhecido cartógrafo o Padre Régis, da Companhia de Jesus, em Pequim, e que foram enviados para êsse fim pelo imperador Cã-Hi ao Tibete, para assinalarem as origens do Ganges, cujas águas êles próprios deviam marcar. Esta obra ficou concluída em 1717, e portanto nela o rio brotava do lago Mapama, a ocidente do monte Kentaisse (a actual serra de Cailas) começando na parte oriental de Tsampu. Como por outra parte, em conseqùência de uma insurreição no Tibete, êles não tinham podido determinar a situação de Kentaisse, Régis observou que essa informação é de pequena valia. ([3])

Em 1784 apareceu um novo mapa das nascentes do Ganges, quási tam defeituoso como o antecedente, e que foi delineado por Anquetil Du Perron, conforme as indicações do Padre Jos Tieffentaller, S. J., o conhecido autor da Descrição Histórico-Geográfica de Indostão ([4]), o qual porêm afiançou que pessoalmente não tinha no Ganges passado alêm de Harduar, e que todo o resto o devia a informação fidedigna de Hindus. Rennell fêz alguns anos depois uma carta, não melhor e cheia de numerosos equívocos, o que demonstra

---

([1]) T. Holdich, f. 70.

([2]) H. T. Colebrooke, *On the Sources of the Ganges in the Himádri or Emodus.* Asiatic Researches, XI 1438.

([3]) J. R. Du Halde, S. J. *Description Géographique de l'Empire de la Chine et la Tartare Chinoise* (Haia, 1736) IV, 577.

([4]) *Historisch-Geographische Beschreibung von Hindustan.*

mais que suficientemente o escasso conhecimento da região superior do Ganges. [1] Eudes Bonin, na sua crítica da carta de Anquetil du Perron, nota que a ligação entre Manassaráuar e o vale de Racas, onde Ryder em 1904 viu água, denominada pelos indigenas *Nganga*, ou *Ganga*, e pregunta a si próprio se êste nome não haveria desnorteado os cartógrafos, vendo estes nele uma das nascentes do Ganges (2). ¿Não se teria talvez dado essa interpretação errada à descrição de Andrade, parca de minudências, em virtude dessas defeituosas informações?

Há tambêm outra possibilidade. Atanásio Kircher cometeu em 1667 o mesmo êrro, agravado ainda com algumas injustiças, na sua *China Illustrata*, Partindo de Laore e transpondo o Ganges, descobriu êle primeiro Scrinegar e Ciaparanga, estados grandes e populosos, e depois do tôpo de uma alta serra um dilatado lago, reservatório comum do Indo, do Ganges e dos outros grandes rios da Índia. (3) Algumas páginas antes tinha êle já tambêm descrito essa origem comum, com remissão á sua carta, onde igualmente o Ganges se figura promanando dêsse lago. Declara que essas explicações as devia a um hindu cristão, por nome José, um dos dois companheiros de Andrade, e que em tal ocasião justamente estava em Roma. Acrescenta que o homem tinha já 86 annos de idade. [4] Quam pequeno crédito se pode atribuir a êste testemunho oral a respeito de uma expedição realizada quarenta annos antes, vê-o bem o leitor, agora que possui o texto do viajante português. E' muito provável, que a êste hindu se deva a notação da fabulosa origem do Ganges. O que se não pode ter como certo é que Kircher conhecesse pessoalmente a narrativa de Andrade.

Muito bem se percebe que, pela grande divulgação que teve a obra de Kircher, o êrro que aqui atribui a Andrade lhe deve pertencer a êle. Tambêm neste ponto se tornava necessária a consulta à narrativa original da viagem.

Voltemos ao descobrimento. Conquanto o Ganges seja formado por numerosos afluentes, deve contudo fixar-se que o Alacnanda, pela primeira vez visitado e percorrido pelo nosso viajante, é de todos o mais importante. Nota Burrard com muita razão que a um rio que é alimentado por várias geleiras não pode ser dado um único manancial. E' provável que nem

---

[1] James Rennell, *Description Historique et Géographique de l'Indostan*, traduit de l'anglais par J. B. Boucheseiche (Paris, ano VIII, 1800) III, 101 e ss.; 225 e ss. *Recueil des Cartes*, etc., principalmente Carta 6.

[2] Ch. Eudes Bonin, *Une ancienne Carte des Sources du Ganges*, Annales de Géographie (1911) XX, 349.

[3] Atan. Kircher, S. J. *Cihna Monumentis Illustrata* (Amstelodami, 1667) f. 64.

[4] *Id. ib.* f. 49.

a vigésima parte dos caudais que recebe a Ganges proceda de uma só origem. Quando houvesse a fazer uma selecção de qual seja o principal deles, é certo que ao Alacnanda se daria a preferência. ([1]) Tem êste, como é sabido, como mais importantes ramais o Dauli e o Vixnuganga.

Conforme o que diz J. Herbert, que visitou esta região em 1817, por muitos anos se supôs que o Baguirati, torrente que sai da geleira de Gangotri, era o manancial, até que em 1851 Ricardo Strackey se pronunciou contra esta opinião ([2]). O irmão dêste, João, escreve circunstanciadamente a tal respeito: — «Quási todas as obras a respeito de geografia da Índia nos referem que o Ganges sai das geleiras, ou do que com maior exactidão e mais freqùentemente se denomina o neval de Gangotri, onde êle parece que procede de uma lapa de gêlo, o «boqueirão da vaca», segundo os livros sagrados dos hindus. A verdade é que, abstraindo da teologia hindu, do culto bramânico e da tradição popular, e ajuizando nós, como ajuizamo de outros rios menos sagrados, o Gangotri não pode ter jus a ser citado como afluente do Ganges.

O rio principal é o Alacnanda, cujo curso é mais extenso, e o caudal mais considerável. As maiores nascentes dêste ficam na vertente meridional da linha divisória das águas pluviais, perto das portelas de Niti e de Mana, no Tibete, reunindo assim as torrentes que veem das cumiadas e das geleiras de Cumão e Garual-Himalaia de Nanda-Devi para os santuários de Badrinate e Kedarnate (3).

Esteve Andrade portanto no Passo de Mana, perto das cabeceiras do Sarassuati, no curso superior do Vixnuganga. Acrescenta êle que fôra em um grande tanque, poderiamos dizer uma conca, a qual desaguava também para as bandas do Tibete ([4]).

No mapa de João Walter, ([5]) publicado em 1827, está marcado, é verdade, um lago com o nome de Deb Tal, mas que deriva as suas águas para o Tibete. Com êste fundamento o

---

([1]) S. G. Burrard and H. H. Hayden, f. 139.

([2]) R. Strackey, *Journal of the Royal Geogr. Soc.* (1851) XXI, 64.

([3]) João Strackey, *India* (Londres, 1858) 22. Com quanta lentidão tais correcções são introduzidas em obras, por outra parte notáveis, vê-se do facto, que na mais recente edição da *Imperial Gazetteer of India* (Oxónia, 1908, XII, 132) o Baguirati continua a ser dado como o afluente principal.

([4]) Andrade, 14.

([5]) João Walker, *Newly Constructed and Extended Map of India from the Latest Surveys of the Best Authorities,* inscribed to Ma; General John Malcolm (Londres, 1827).

admitiu igualmente Ritter no seu mapa do Himalaia, de 1832 ([1]). Como semelhantemente êsse lago não aparece nas cartas actuais, duvidei eu se tal facto se podia alegar como prova contra o descobrimento de Andrade. E' possivel no emtanto que Walker estivesse mal informado, e depois se haja emendado a sua afirmativa.

Para averiguar esta possibilidade recorri ao Dr. Hermano Haack, de Gota, que com amistosa prontidão, que muito lhe agradeço, efectuou pesquisas na riquíssima colecção de mapas de Perthes. Eis aqui os resultados que me comunicou.

«O lago de Dab Tal aparece nos mapas oficiais próximamente aí por 1865. Depois desapareceu o lago, e só o nome continuou a figurar por muito tempo nos mapas, e últimamente parece que êsse mesmo foi suprimido.»

Definitiva não era a informação, e para maior segurança acêrca dêste ponto litigioso apelei para o coronel S. J. Burrard, já mais vezes citado, inspector Geral da Índia. Da maneira mais obsequiosa enviou-me a seguinte resposta. «O Sarassuati brota do Passo de Mana, a vinte milhas a noroeste do cimo do Câmete. A sul do passo e para baixo há uma geleira, que forma as remotas cabeceiras do Vixnuganga. Essa geleira vai terminar no lago ou lagoa de Deo Tal, ou Deb Tal. Esta lagoa tem próximamente 366 metros (400 jardas) de comprimento, e pela morena era separada de outra geleira, que desce para oeste.

O Tal tem de altura 5246 metros (17200 pés). Um tanto mais abaixo que o Deo Tal, e na direcção da corrente, há outro lago pequeno, Racas Tal. Os nomes Deo Tal e Racas Tal figuram nos mapas da Índia, 4 milhas = 1 polegada, *conquanto sejam pequenos de mais para que se faça dêles menção e se assinalem ?* ([2])

Assim, uma cousa é a exactidão do mapa de Walker, outra o resolver completamente a dificuldade. Um ponto que na narrativa de Andrade permanece obscuro é o desaguamento do lago para a banda do Tibete; mas nisto pode êle ter-se enganado, atentas as dificultosas circunstâncias da sua jornada pelas serras. Dêses equívocos há alguns maiores em outros diários de viagens.

O haver Andrade descoberto o lago Manassaráuar tem de ser decididamente rejeitado; mas o alcance da sua peregrina-

---

([1]) C. Ritter, *Entwnrf zu einer Karte von ganzen Gebirgssysteme des Himalaya, nach den Quellengaben, nebst einer Speciakarte des Hohes Himalaya in Gurhwal, Kemaoon, Almora ; mit den Quellen des Ganges, Indus, Sutludsch* (Berlim, 1832).

([2]) O itálico é do autor desta memória, que aqui testemunha mais uma vez o seu reconhecimento cordial ao Coronel Burrard pelas suas meritórias informações.

ção nada sofre com isso, porque reside no facto de êle haver sido o primeiro europeu que atravessou a serrania do Himalaia e percorreu o Tibete, passando pelas mais importantes origens do Ganges.

Voltemos agora, depois desta longa, mas necessária, digressão, ao nosso viajante. Tendo alcançado o mais alto dos montes, narra êle, e com isto indica sem dúvida o píncaro mais elevado do Passo de Mana, patentearam se-nos as dilatadas comarcas do reino do Tibete! (1) Chegaram a uma altura de 5600 metros, mas não se deram por satisfeitos. «Tudo o que avistávamos era tam alvo que nos cegava os olhos doentes e debilitados por efeito da neve, e não podiamos descortinar o caminho que tinhamos a seguir. «O caso era grave, principalmente porque os seus dois companheiros iam fraquejando. A' noute resolveu o animoso português que estes, para buscarem auxílio, deviam voltar a Mana, o que facilmente poderiam fazer em seis dias. Ficaria no emtanto esperando por êles ali, premunido com mantimentos. Na manhã seguinte, porêm, declararam que não partiriam sem êle, de modo que Andrade, para os não expor a morte certa, resolveu que retrocedessem todos.

Os pés gelados impediam-nos quási de sair e assim teriam provávelmente perecido, se ao cabo de três dias não viesse ter com eles um indivíduo de Botiá, que os habitantes de Mana haviam enviado, por estarem receosos de que o principe do Tibete soubesse que ao forasteiro tivesse acontecido alguma desgraça. Depois de mais três dias de caminho decidiram acampar provisóriamente. Nisto chegou Manuel Marques com os socorros necessários, e ali permaneceram perto de um mês, até que a neve de todo se derreteu! (2)

Quási em conjuntura igual, na mesma época do ano, se encontraram em 1867 dois pânditas, na sua viagem de reconhecimento aos jazigos de ouro do Tibete. Passaram tambêm por Badrinate, e estiveram a três de junho em presença do Mana. Mas êste não pôde ser transposto por causa de um violento nevão, e os fronteiros ali os detiveram até 28 de julho, sem poderem traspôr o passo. (3)

Quando soou emfim a hora de os nossos portugueses partirem, ainda êles estavam sofrendo dos olhos, que a neve ofendera, assim como aos próprios naturais, apesar dos óculos de rede de que estes usavam para resguardá-los. Tinha Andrade tido a cautela da avisar da sua vinda, por um messa-

---

(1) Andrade 15.

(2) A censura que faz Launay (*Histoire de la Mission du Tibet*, I, 26) é injusta. Não conheceu a narrativa da viagem senão por ouvir falar dela.

(3) *Erforschungsreise Indischer Geodäten* (*Panditen*) *nach den Goldfeldern von Tibet*, 1867. Petermanns. Mitteil, 1869, 103.

geiro, o rei do Tibete, e êste mandou-lhe dois guias e ao depois três cavalos para facilitar aos estrangeiros a jornada.

Assim fêz, nos princípios de agosto de 1624, o primeiro europeu a sua entrada na cidade de Chaparangue, no Tibete. ([1]) Dois séculos inteiros depois, com excepção de alguns missionários, ainda nenhum outro ocidental havia de chegar a esta cidade, no vale do Satlaje superior (2).

Diversas suposições se teem feito com respeito ao sítio. Kircher encarece-o como sendo a cidade mais importante do Tibete (3), categoria que veio a perder ao depois, quando, no 18.º século, a sagrada cidade de Lassa foi melhor conhecida. Em 1812 chegou com efeito Moorcroft ao vale de Satlaje, mas nenhuma informação deu relativa à que Andrade mencionara ([4]). O seu compatriota Frazer só em 1818, por informação de dois naturais da terra, ficou sabendo que Saparão era um sítio muito importante, em que residia um raja. A cidade estava situada numa planura montuosa, a um mês de jornada de Gastoc. ([5])

E' para estranhar que o digno missionário Huc ainda em 1857 escreva que essa cidade se não encontra em nenhum mapa e que emquanto estivera no Tibete, nunca ouvira falar dela ([6]).

No emtanto o nome figurava já no mapa de D'Anville e em outros posteriores, e o sitio havia sido visitado, dois anos antes, por Adolfo Schlagintweit.

— «Tsaparang, diz-nos êle, só é habitado no estio, e, não obstante ser a sua situação num caminho transitado de negócio, tem nos ultimos tempos considerávelmente perdido a sua prosperidade» ([7]) — Avalia em quinze ou dezasseis o número de casas de habitação; mas que antes era êsse número maior demonstra-o entre outras a casa de Dzongpon, agora desocupada e que é das edificadas de pedra que no Tibete se encontram a maior altura. Concorda isto com a significação de «grande rèsidência» que últimamente dá Günther Schulemann para o

---

([1]) Sómente o frade franciscano Odorico de Pordenone, mas êste vindo da China, alcançou antes de Andrade o Tibete, ou mesmo a região de Satlaje.

([2]) O nome apresenta-se-nos escrito de diversas formas, Chaprang, Chabrang, Chapung, Dschapruug, Tschaprung, Tsaprang, Tsaparang. A última foi a que o autor da memória empregou, conforme o mapa do Tibete de Sven von Hedin, *in Peterm.* Mitteil. 1910, II, fasc. I.

Todos os nomes geográficos estão aportuguesados na versão, e para êste foi *Saparão* a forma adoptada, por analogia com outros de terminação análoga. (Nota do tradutor).

([3]) Kircher, 49.

([4]) W, Moocroft, *A Journey to Mánasaróvara,* 429, 439.

([5]) G. B. Fraser, 291.

([6]) M. Huc, *Le Christianisme en Chine.* (Paris 1857) II, 293.

([7]) H. von Schlagintweit-Sakünlhüskin, III, 90.

nome *Chaprang* (Saparão) [1]. Actualmente é este um sitio, que está a 4750 metros de altitude, pobre aldeia estival, com uns cem habitantes, *quasi todos criadores de gado* [2].

A chegada do estrangeiro não causou pequena perturbação. Primeiramente foi o rei, que não podia acreditar que alguêm, a não ser comerciante, houvesse empreendido tão dificultosa viagem, pelos modos sem fito; mas após uma primeira audiência, em que o missionário lhe declarou os motivos da vinda, tanto êle como a rainha mostraram-se-lhe favoráveis. A profissão da fé que destemidamente lhes fez Andrade impressionou-os tanto, que êste, depois de algumas semanas de demora e quando já ía passando a época propicia para transpor o alcantilado caminho, com dificuldade obteve a permissão de partir, mas com a condição de voltar no ano seguinte.

Descrição da própria cidade, como ao depois Desideri a deu de Lassa, falta na narrativa de Andrade; indica meramente que era situada ao pé de um rio. Dá-nos, é verdade, num capitulo separado, conta de algumas particularidades a respeito da terra e da gente dela, que concordam muito bem com o que actualmente sabemos [3]. A campina de Saparão com o lugar do mesmo nome é uma parte da provincia tibetana de Hundes, ou Nari-Corsão, a qual, a partir do vale de Racas até Xipki, é cortada pelo Rio Satlaje. Abriu êste na planura, que fica a cêrca de 4:500 metros de altitude, um vale apertado, de mais de 900 metros de fundo, o qual, conforme Burrard, se póde comparar ao afamado Cañon do rio Colorado [4]. Sómente nestes cavados vales, regados pelo rio, é a lavoura possivel.

Como árvore única encontra-se o choupo, e a chã onde está situada actualmente a povoação é escalvada, tendo apenas umas raras plantas herbáceas, que mal chegam para o consumo de uma população nómade [5].

Ouçamos agora o que nos diz Andrade, — «Pelos mantimentos, como trigo, arroz, uvas e outros fructos, que recebi do rei, pude ajuizar que o Tibete é fértil; no emtanto devem exceptuar-se os arrabaldes da cidade, porque são o sítio mais estéril que jámais vi. Apenas produzem alguns poucos cereais, nos sítios que são banhados pelo rio. Os habitantes criam grandes rebanhos, cabras e cavalos, na planície onde,

---

(1) Günther Schulemam. *Ueber einige Geographische Namen Tibetes und ihre Rechtschreibung*, Peterm. Mitteil. 1911, II, 9.

(2) Vivien de G. Martin, *Nouveau Dictionnaire de Géographic Universelle*, VI, 857.

(3) Andrade, 27-30.

(4) S. G. Burrard e H. H. Hayden, 164.

(5) *Explorations in Western Tibet by the Transhimalayan Parties of the Indian Trigonometrical Survey*. Proceedings of the Royal Geogr. Society (1879), 1, 445.

por muitas milhas em tôrno, nem árvores, nem relva se encontram, com excepção de alguns lugares úmidos. Sómente durante três meses deixa de cair neve, e então cresce erva pelos campos, de modo que os rebanhos acodem lá de toda a parte. Por falta de mantimentos, são estes trazidos em abundância de outros pontos, mesmo pêssegos, figos e vinho; mas estes, acrescenta êle, vinham de longe, com doze dias de jornada, e assim provávelmente do vale inferior do Satlaje, onde o calor é maior.

Por causa da grande esterilidade pretendem os comerciantes mouros, vindos de Caxemira, que o inferno está situado por baixo desta terra.

Além de com estes comerciantes mouros, a quem não é permitida a residência na cidade, existiam já relações com a China distante, porque durante a estada de Andrade veio de lá uma caravana de mais de duzentos comerciantes, que traziam principalmente tecidos grosseiros de seda e muita louça. Isto acontecia, como lhe afirmaram, uma vez por ano.

As notícias que nos dá a respeito do culto, e especialmente do poder do lama, não são de certo completas, em razão da curta estada e do seu desconhecimento do idioma; mas ainda assim são seguras as suas informações. Desta maneira descreve êle com exactidão a solenidade que todos os meses se celebrava para se expulsarem da cidade os espíritos maus, e a sua narração concorda em tudo com a que Donsen nos dá da cerimónia da «destruição do inimigo», denominação com que se quere dizer o maioral dos espíritos ruins ([1]). E onde este missionário, que passou cinco anos no Pequeno Tibete, escreve acerca do lama, que cada familia contava um deles como seu próximo parente, já Andrade afirmava que quando um pai tinha diversos filhos, um pelo menos era lama ([2]).

Ia-se entretanto chegando o tempo de partir, e com a promessa de regresso deixou a cidade o intrépido missionário. Quando, não no-lo diz, mas provávelmente foi em fins de agosto, porque já em 8 de novembro êle escreveu de Agra o seu importante relatório dessa primeira peregrinação à terra do Buda vivo.

«Por esta nova entrada no Tibete não seguiu ao Padre Andrade tam cedo outro missionário», assim conclui Ritter a sua meritória apreciação ([3]). Esqueceu ele aqui que não só-

---

([1]) M. Donsen, *Klein Tibet*, Tijdschr. Aaard. Gen. (1901) XVIII, 435, 442.

([2]) Andrade não chama aos padres budistas *lamas*, mas sim *jamba*, que equivale a *Chamba*, a futura encarnação de Buda.

([3]) Bitter II, 451. Tambêm os não conheceram Holdich, Graham, Landberg, etc.

mente Andrade voltou a Saparão no ano seguinte, mas que, até 1659, pelo menos dezoito missionários ali foram ([1]). Os anais das missões parece que também escaparam às sagazes investigações do grande geógrafo alemão.

Como complemento acerca destas últimas viagens podem servir algumas particularidades, que vão em seguimento.

A relação de Andrade com respeito à sua segunda visita é muito circunstanciada. O manuscrito tem por epigrafe «Annua do Tibet do ano de 1626», e é datada de Saparão, 15 de agosto de 1626. Está dividida em quatro capítulos: Volta ao Tibet; Natureza da terra e dos differentes reinos que lá se encontram; Os costumes dos Lamas (*sic*) e de algumas controvérsias com estes. Aparte um pouco importante resumo no princípio, a narrativa é literalmente a mesma das Lettere Annue del Tibet, del MDCXXVI ([2]). Com excepção de outras três cartas inéditas nada mais nos resta de Andrade ([3]).

Depois de uma jornada de dez semanas, saindo de Agra, chegou êle, com o Padre Gonçalves de Sousa e o seu fiel companheiro Manuel Marques, à capital, a 28 de Agosto de 1625. O império do Tibete, ou Potente, escreve êle, compreende o reino de Cogue (Guge), onde nós agora estamos, os de Ladac, Mariul (nome antigo da região mais meridional de Ladac), de Rudoc, de Utsão, e ainda mais outros dois a oriente de Ladac. Com o grande reino de Sopo (Mongólia), que por um lado parte com a China, e pelo outro com a Moscóvia, formam juntos a Grande Tartária ([4]). Aqui acrescenta êle uma advertência acêrca de Catai, que pela sua inexactidão claramente mostra que os resultados decisivos da viagem de descobrimento de Bento de Góis lhe não eram ainda inteiramente conhecidos.

«O tam decantado Cataio não é nenhum reino separado, mas uma grande cidade, chamada Catai, de uma provín-

---

([1]) Para que os nomes dêles não fiquem no esquecimento, aqui se citam. Manuel Marques (desde 1624, e em 1642 ainda estava em Saparão; Gonzales de Sousa, Estêvão Cacella (falecido em 1630 em X gace), João) de Oliveira, Alano dos Anjos (Alain de la Barchère, falecido em 1636 no Tibete) Manuel Dias (fal. 1629 em Morong), Francisco de Azevedo, Dom. Capece, Francisco Morando, Nuno Quaresma, Estan. Malpichi, Ambrósio Correia, Bonarte Godinho, Emanuel Moteiro.

Espero ao depois voltar a estes precursores. Algumas particularidades biográficas encontram-se na obra de H. Horten, S. J. *Jesuit Missionaries in Northern India and Inscriptions on their Tombs*, Agra, 1580-1807 (Calcutá 1907), e um artigo do mesmo escritor, *List of Jesuit Missionarie in «Mogor»* (1580-1803) Journal Asiat. Soc. of Bengal (1910) II, 527 e ss.

([2]) O título completo dêste precioso livro é como se segue: *Lettere Annue del Tibet de MDCXXVI e della Cina del MDCXXIV, scritte al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Campagnia di Giesu* (Roma, 1628).

([3]) Franco *Imagem da Virtude*, 400-415 dá uma noticia desta segunda viagem.

([4]) *Lettere Annue del Tibet*, f. 5.

cia que está muito mais perto da China, e na qual, segundo se diz, governa o grande rei de Sopo.

Nesta nova terra, onde se não encontrava nenhuma cristandade que ali tivesse ficado, também havia muitas cerimónias, por parte do culto, que condiziam com as da Igreja Católica. Os trabalhos da missão começaram, e Andrade, a 11 de abril de 1626, pôs a primeira pedra para a edificação da primeira igreja no Tibete ([1]).

Com uma tão longa estada no Tibete não podia Andrade deixar de notar igualmente a fórmula de reza que nos muros das cidades e nos tetos dos templos, nos acervos de pedras e nas portelas dos montes se impõem à observação do viandante — essas palavras misteriosas que os habitantes ouvem soar aos ouvidos toda a vida, e com as quais se erguem da cama e nela se deitam, o preceito tam identificado com a terra do Tibete, que sem êle Hedin não podia compreender os lagos azuis e os montes sepultados debaixo da sua camada de neve ([2]).

Foi com efeito Andrade o primeiro europeu que nos transmitiu por escrito o *Om mani padme hum*, conquanto êle lhe não conhecesse o significado, que apesar das suas preguntas nenhum dos lamas lhe pôde explicar verbalmente.

Muito circunstanciadamente nos refere também os seus colóquios religiosos com os padres buditas; mas como, segundo confessa, só imperfeitamente conhecia o idioma, não se deve dar grande valor ao que diz ([3]).

Não se póde com certeza fixar quantos anos Andrade permaneceu no vale de Satlaje. Além de uma carta datada de 2 de fevereiro de 1627, escrita justamente de Saparão, da qual se vê que ele aí estava desde o comêço do ano com tres missionários, existem duas, de 29 de agosto e 2 de setembro do mesmo ano, em que não se nos relatam quaisquer particularidades dignas de interêsse. Muito provávelmente deixou o Tibete um ou dois anos depois, porque sabemos ao certo que em 1630 governava a missão das Indias Cisgangéticas e por-

---

([1]) *Lettere Annue del Tibet*, f. 52.

([2]) Sven von Hedin, *Trans-Himalaya*, II, 179.

([3]) *Lettere annue*, f. 36. Andrade escreve *Om mani patmeon.* Ainda se contende a respeito da significação desta fórmula que, conforme a explicação de Waddel, é — om, a jóia está na, flor do lódão, hum !, — e a de Koeppen, a joia na flor do lódão, Amen ! — e foi há algum tempo interpretada por R. von Ow como querendo dizer. — Louvado seja Deus, tu joia no lódão, hum! (*Religionsgeschichtliche aus Sven Hedins Transhimalaya*. Anthropos, 1910, 1050 e ss.) Há uns meses encontrei num manuscrito do já citado o Hip. Desideri, S. J., que bem sabia o tibetano, a seguinte explicação, seguramente a primeira apresentada por europeu, desta fórmula precatória : «O' tu, que tens uma gema na mão, e estás pousado na flor Kemá».

tanto residia em Goa. Isto explica o facto de em 1631 êle haver enviado outros quatro missionários, o que se vê claramente por uma carta sua, escrita em Goa a 4 de fevereiro de 1633, em que trata circunstanciadamente da obra da conversão do gentio no Tibete. Nada mais ardentemente desejava do que voltar lá.

A morte porêm surpreendeu êste homem intrépido. Quando êle, como superior, se preparava para com seis companheiros partir para o Tibete, morreu de repente, a 19 de março de 1634, com aparência de ter sido envenenado (1).

No emtanto foram os missionários obrigados a internar-se para oriente do Tibete (2). O Padre Estêvão Cacella chegou em 1627 a Gegaze, onde foi bem recebido, e por sua morte, em 1630, seguiu-se-lhe o P. Cabral. Uma revolta política levou-o quási pelo mesmo tempo até Lata ou Lé. O príncipe de Ladac aprisionou o rei de Saparão com toda a família, e mandou transportar para Lé todos os cristãos, em número de quatrocentos. Para aí seguiram, a 4 de outubro de 1631, os Padres Francisco de Azevedo e João de Oliveira, que levaram vinte e um dias de jornada entre as duas povoações (3). Por isso estava em 1642 Manuel Marques em Saparão, comquanto se não indique se lá permaneceu sempre desde a sua chegada em 1625.

A contar de 1650 cessam as notícias. A missão interrompeu-se por falta de pessoal, em razão da grande mortandade que houve durante a viagem e da permanência em terra tam inóspita e principalmente pela rigorosa perseguição a que ficou sujeita (4).

Mais três missionários ainda se puseram a caminho no 18.º seculo, mas nenhum deles chegou ao termo, até que em 30 de maio de 1713 um jesuíta, Padre Hipólito Desideri de novo pisou o territorio tibetano.

Póde apreciar-se por vários modos o valor scientífico dos descobrimentos realizados pelos missionários nestas viagens. Isto depende do ponto de vista com que se encarem, le-

---

(1) E' o que se lê numa carta inédita do P. António Mendes, provávelmente escrita em 1636. Atribuía esta malfeitoria aos mouros ; mas conforme Franco, *Imagem da Virtude*, 816, é a morte imputável a um português.

(2) Disto dá noticia breve Hipol. Desideri, *Diffesa della Compagnia di Giesu in ordine alla missione del Tibet, e difese del* R. M. R. P. *Generale della Medesima Compagnia contra le scriture del R. O. Felice da Montecchio Cappuccino* (Roma 1728) 2-6.

(3) E' desta guerra que parece tratar quem escreveu o *Mémoire sur le Tibet* (Lettres édificantes, Lion 1819, XIII) 229. O rei é ali denominado *Tsang-pa-han*, o que provávelmente é confusão com o nome do lugar.

(4) Carta de Miguel Angelo Tamburini, 16 de jan. de 1713. Para prova de quanto era arriscada a viagem basta dizer-se que de sete homens que em 1635 partiram de Surrate sómente dois chegaram ao Tibete.

vando-se em conta as circunstâncias em que êles se encontraram. Alguns dos criticos não merecem confiança. Quando há poucos anos Sven von Hedin, na Royal Geographical Society de Londres, comunicou a narração da sua prodigiosa viagem transimalaica, teve de sofrer impugnações severas da parte do célebre Tomás Holdich. Achou êste que os resultados eram incompletos. Increpou-o porque não procedera trigonométricamente. Muito a propósito alegou Hedin as extraordinárias dificuldades em que a sua viagem se efectuou, como tudo nesta região de novo descoberta estava a bem dizer por fazer-se, e quanto o que êle havia executado se podia chamar extraordinário. «Podiam mesmo acusar-me de que eu não tenha edificado uma catedral no Tibete», acrescenta. «Qualquer criança compreenderá que numa terra não explorada uma geração inteira e mais de geólogos e topógrafos achará em que trabalhar. «But the very first traveller who, under exceptionally difficult conditions enters an unknown country and brings home with him the first knowledge of it, should be the very last to be blamed for his work». [1]

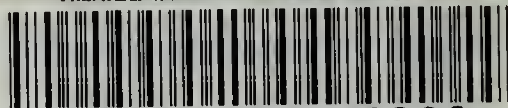
«Mas o viajante que primeiro que ninguêm, e em condições de excepcional dificuldade, penetra em região desconhecida e traz consigo as primeiras informações a respeito dela, devera ser o último dos últimos a receber censuras pelo que executou» [2].

Aquilo que o afamado sueco alegou em sua defesa tem completa aplicação em António de Andrade. Como primeiro europeu penetrou êle, em meio das maiores inclemências, no Tibete, transpondo as serranias do Himalaia; primeiro que ninguêm nos trouxe informações valiosas do que viu: merece pois melhor sorte que ser amesquinhado por críticos injustamente predispostos. Espero haver conseguido com êste escrito que o leitor, contra a afirmativa de Holdich, fique de ora em diante considerando António de Andrade como um exemplar modêlo na história dos antigos descobrimentos na Ásia Central.

Katwijk, Reno, Abril de 1912.

---

(1) Sven von Hedin, *Replyto Holdich's What we have iearnt from Dr. Sven Hedris.* Geographical Journal (1909) XXXIII, 440.
(2) Versão do tradutor.


UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 032251230